

O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANO. . . . 10000 — POR SEIS MESES . . . 5500 — POR TRÊS MESES. . . 3500

O RABUGENTO

As dôres physiscas, são o efeito da enfermidade do corpo; as dôres moraes são o efeito da enfermidade da alma.

A's vezes, os revezes na vida, nos trazem a dôr moral, mas quasi sempre, as enfermidades têm uma origem diferente daquelle que nós julgamos.

A dôr physisca, muitas vezes tem a sua origem nos nossos extravagantes gozos; o abuso é quasi sempre o motor, assim também as dôres moraes têm a sua origem no abuso que fazemos dos sentimentos de nossa alma; as desordendas idéas são a causa dos nossos males.

O homem, pôde ser acabrunhado pelas dôres moraes, sem que no entanto possa ter concorrido para esse estado. Mas o maior numero dos que sofrem, o maior numero desses que se dizem victimas da fatalidade, nada mais são do que victimas de si proprios, e do seu genio mais ou menos indolente, mais ou menos activo, creadore exigente.

O amor de nós mesmos, o extremo desejo de gozo que ás vezes não sabemos buscar, são quasi sempre a principal base dos sofrimentos moraes da maior parte dos individuos.

Concordo que elles não tiveram parte em sua organisação, porém, têm parte nos habitos de que se deixam escravizar, que, como sabemos, tem a propriedade de alterar o nosso genio, mudar a nossa indole.

Se pois, tudo nasce do estudo, tudo nasce da educação de nossa alma, tratemos de educa-la.

Aquelle que se respeita, que zeloso do seu caracter procura na sociedade em que vive, um ponto de apoio á sua dignidade, deve cautelosamente guardar o respeito alheio. O que em tempo se humilha mais se eleva.

Assim pois, o homem pensando em sua nullidade; por isso que aquillo de que se poderia orgulhar, não tira a sua origem do seu estudo, e por conseguinte só deve ao ente creador, deve humilhar-se e resumir-se ao simples estudo dos dotes, de que pela educação pôde elevar a sua alma, independente do que deve á sua organisação.

E' isso que procurámos estudar. Mas estudar sem egoismo, e por conseguinte, apresentando o resultado dos nossos estudos aos que menos observadores, ou distraídos por esses loucos gozos de que fallámos, ou mesmo pela idade ainda pouco inclinada á observação, só vêm

aquillo que satisfaz a sua vaidade pueril, o seu amor proprio nascente, desprezando as mais santas leis do dever.

Observemos:

Não vos move o sentimento, não vos promove mesmo, permita-se-nos dizer, a inveja: o acolhimento que encontram aquelles, que a sociedade tem colocado em posições superiores ás nossas, quando estão nas nossas condições?

O apreço de que alguns jovens, nas condições em que vos acham, encontram nas casas de famílias em que por ventura tem entrada?

Esse acolhimento, essa importância a que damos tão justo apreço, elle a conquistou pelos seus precedentes. Salvo quando ella é immerecida, porque então, como sempre, e como consequencia, da falsidade cae e não se conserva. Esses precedentes o que vêm a ser mais do que o acurado estudo e vigilancia sobre si mesmo?

A educação primitiva, é quem mais influe na nossa moralidade, é por assim dizer a base do edifício moral. Porém nós o conhecemos por experienzia propria, que se esse edifício não for cuidadosamente conservado, acaba por abater, e perder-se o melhor material empregado.

Temos visto mais de uma vez levantarem-se á força de perseverança e constante trabalho, bellos edifícios moraes, em menos tempo do que se pode imaginar.

Hoje a mocidade é olhada com pouca attenção pela gente de certa ordem social; e porque? será porque ella agora valha menos do que outr' ora? Não. E porque a sociedade desmoralizada pelo luxo, que tudo arrasta e corrompe, lança sobre esses filhos queridos em quem o paiz mais confia, em quem tem todas as suas esperanças, a duvida sobre a sua honestidade.

Não pôde hoje apresentar-se em nossa sociedade um jovem trajando com algum luxo; a duvida pousa sobre a sua conducta, todos o olhão com mais ou menos desrespeito, menoscabando a sua dignidade e rebaixando os seus sentimentos. Alguns ha que vão além da duvida e da suspeita.

Se não temos aqui de culpar a polícia; se não temos aqui de fazer considerações; não sei a quem se tenha de culpar, a não ser ao chefe da familia a quem esse jovem pertence; os chefes são dous, o da familia social e o da familia particular; onde se ata os mais elevados e nobres sentimentos infantil, e só se entrega ao seio da sociedade, quando a sua alma já se acha em um estado de desmoralisação tal, que

as palavras não podem exprimir, nem ha linguagem própria para descrever-la; porque a corrupção ainda não chegou a esse ponto,inda se guardam as conveniencias sociaes.

TYPOS.

OS CRITICOS.

III.

A critica moderada e cortez é um incentivo de aperfeiçoamento. Ao passo que a vaidade estulta e ignorante repelle com arrogancia, e blasfema daquelle que encontrou defeitos em suas produções, e, que foi bastante ousado para os apontar; as intelligencias modestas, principiantes, ou de reputação já formada, mestres ou discípulos, aceitam com prazer conselhos de quem, desprevenido e imparcial, pôde julgar a sangue frio do merecimento de qualquer obra.

O critico consciencioso é parco na censura, e ainda mais parco no louvor: aponta os defeitos sem acrimonia, e aconselha, sem emphase, evitando sempre ferir o amor-próprio dos autores.

Não é, porém, essa especie de criticos que tentamos descrever.

Existe na nossa sociedade uma classe numerosa de individuos, a quem a propria vaidade, ou a ignorancia de outros, deu diploma de litteratos.

Sem principios, sem habilitações, e baldos de intelligencia, julgam-se sabios e talentosos, e, como tal, no caso de decidir sem appellação do merecimento de tudo e de todos.

Vede-os reunidos: a questão versa sobre litteratura; critica-se; zoilos sem consciencia, ve-los-heis procurar defeitos nas obras de maior merecimento, abocanhar a reputação dos melhores autores.

Nenhum escapa, nem os seus proprios; pois se qualquer delles se retira, os que ficam censuram e combatem as opiniões com que ha pouco todos concordavam; passam a trata-lo de orgulhoso, ignorante, plagiario, etc.

Se por acaso, um destes criticos improvisados tem à sua disposição as columnas de qualquer jornal, vé-lo-heis verter a bilis que a inveja e o despeito lhe faz extravasar da alma sobre os escriptos que lhe vão parar ás mãos.

Tudo lhe serve para argumento de critica, copia trechos isolados, transtornando-lhes o sentido, e, quando Deos quer, a vida privada do autor vem tambem servir a fazer carga á obra.

Temos visto vocações decididas, talentos modestos, mas aproveitaveis, que para o futuro poderiam servir de gloria ao paiz, serem desviados pela critica incensata e egoistica e mortos pelo ridiculo.

E' preciso grande força de vontade para transpor o círculo vicioso em que se acha encerrada a litteratura no Brasil; não deve isso, porém, desanistar os jovens estudiosos que pretendem dedicar-se ao cultivo das letras.

Com consciencia do seu talento, devem avançar com passo firme, sem se importar com os escolhos, que se-

mêam pelo caminho espiritos mesquinhos que, baldos do verdadeiro talento, que só pôde dar nomeada, procuram por todos os meios afastar os que lhes podem fazer sombra.

A. P—a.

POESIAS.

ANONYMAS.

A. R.

Tenho na ideia comigo,
Ten retrato em sonho activo;
Se morro, morro comigo,
Se vivo contigo vivo!...

Nas trevas em que me interno,
Os teus olhos supre a loz;
Um raio a mente me inflamma,
Outro raio me seduz.

Se acordo e busco nas salas,
No ruido o sonho esquecer!
As vozes são tuas fallas,
Olho e não te posso ver!

Cada phrase é um discurso,
Que me falla ao coração;
Na tua ausencia recresco,
Minha saudosa afflicção.

Se busco os campos, ás flores
Mostram teu rosto nos seus!
Mas se augmentam minhas dores,
Recrecem pezares meus!

Da flor a graça, a innocencia,
Revela tua candura;
Os seus perfumes teus dotes,
A cõr tua formosura.

Se pelo bosque me interno,
Da brisa o brando rumor;
Parece o teu riso terno,
Ingenua expressão d'amor:

No ruido triste da brisa,
O metal da tua voz;
Parece dizer-me, escuta:
« O tempo corre veloz!... »

Ouço do passaro o trinado,
Augmenta-se a nostalgia.
E commovido, inspirado,
Meu canto a dor annuncia.

A triste queixa do passaro,
Sem eco na solidão,
Me lembra que serás surda,
A minha terna canção!

A GRATIDÃO.

Moradia d'amor, fonte de dotes,
Do—bello—imagem, da virtude filha,
Oh! como é feliz quem te conhece,
Quem a tua missão adopta e trilha !

Vem, santa gratidão, illuminar-me ;
Vem dar vida a meu ser, eu sou teu filho !
Escuta esta minh'alma, inda tão fraca,
No seculo duvidoso que hoje trilha.

Tu és a salvadora d'amizade ;
Tu és a crença, que elevando a alma,
Novo elemento em seu seio entornas
Dando-lhe, da santa paz, socorro e calma !

Vem, oh! filha do céo, do mundo arranca
Essa falta de fé que o prejudica ;
Salva, este seculo, e do homem a imagem,
Com a do Salvador á identifica !

Vem, eu te peço, me seguires sempre,
Eu preciso de ti, te adoro e quero,
Se me não vens seguir, do ser que tenho
De homem, eu defiro e degenero.

Não te quero deixar, o meu instinto
Me impõe esse dever, quero seguir-te ;
Vem me servir de guia no caminho ;
Eu quero no meu peito possuir-te !

Sim, eu te conheço... e de teu balsamo,
Sinto meu peito orvalhado e forte !...
Mas quero que me ajudes, sempre,
Tua estrada seguir, seguir teu norte !

Rio, 14 de Agosto de 1862.

H. H. COUTINHO.

MOTTE A' PREMIO.

Paixão de amor o que é?

GLOSSA.

E' não dormir nem comer,
Não ter de seu um real,
E' jazer n'um hospital,
Tolhido sempre a gemer ;
E' ou matar ou morrer,
Não ter esp'rança nem fé,
Ter cavallo e andar a pé ;
E' ter cabeça de vento ;
Eis ahi meu *Rabugento*,
Paixão de amor o que é.

A * * *

Vede o sol que surgindo no horizonte
Caminha lentamente ;
Até que finda a missão constante
Se oculta no poente.

Vede a aurora, surgindo ao som da orchestra
Dos meigos passarinhos ;
E a brisa que travessa vem saudar-a
Com seus ternos carinhos.

Do oceano vede o espectáculo
Que ás vezes apresenta ;
Ou então ide ao campo e vede o gado
Que o pastor apascenta.

Do cume da montanha que quizeres,
Olhai para o infinito ;
Contemplai, com prazer, da natureza,
O quadro mais bonito !

Ide ver também lá no cemiterio,
Por terra a vaidade ;
E lá verás tu, do pobre mundo,
A triste realidade !

As sernas que t- mostro, são a prova
Da existencia de Deos !
De Deos, querida, de quem sômos filhos ;
Que nos vê lá dos céos.

Curvemos, pois, com fé, as nossas frontes
Ao Ente criador ;
E só tu, meu anjo, depois delle,
Terás o meu amor.

RIVERA.

DEUS.

Benedictus Dominus, Deus Israel.

(Ps.).

P'ra qualquer parte qu'eu acrave os olhos
Vejo misterios e preceitos teus ;
Na flor, no prado, no perfume, em tudo
Eu reconheço teu poder — meu Deus !

Pela manhã, no alvorar do dia
Se do sol vejo radiante luz,
Minh'alma s'enche de prazer e jubilo
Reconhecendo teu poder — Jesus !

Se á noite vejo no Empyreo a lúa
Campeando envolta n'um mortal palor,
Minh'alma é triste ao contempla-la assim,
Mais reconheço teu poder — Senhor !

Ao ver o brilho do relâmpago horrivel
Esclarecer o nebuloso céo,
Eu julgo ser a tua imagem — Deus,
A quem de um negro condensado véo.

Eu reconheço teu poder no embate
Das espumantes e continuas vagas,
Que lutam ríjas n'um cruel gêmer,
Em nossas bellas arenosas plagas.

Eu reconheço teu poder em tudo
Que chegar pôde aos sentidos meus;
E de joelhos a teus pés, eu juro,
Que reconheço teu poder — meu Deus!

Quem há que possa duvidar que existe
Um Deus potente, caridoso e grande?
Que lá no templo em orações ferventes
O seu poder e magestade expõe?

Rio, 1862.

G. P.

A
M O T T E.

*Já não ha p'ra mim docurus
Passo a vida em amarguras!...*

GLOSA.

Já não resta uma esperança
A meu coração opprimido,
Na fronte trago a lembrança
De um amor que foi traido :
Amando sem ser amado.
Hoje só sinto torturas
Na alma ; — fui despresado
Já não ha p'ra mim docurus.

Da donzella que eu amei
O amor julguei ser meu !
E ditoso eu me julguei ;
Quão insensato fui eu
Por nutrir no peito amor !
Pensando gosar venturas,
Onde só encontrei dôr,
Passo a vida em amarguras!...

Novembro de 1862.

Ot.—

THEATROS.

Hontem, depois de ter tomado minha boa chicara de café, passeava por uma das mais bellas ruas da cidade, quando seni mais nem menos, acho-me com um bilhete de beneficio na mão; quiz recuar, porém, como era da sympathica actriz Adelaide, não tive remédio, cahi com o cobre.

Preparei-me: puz os collarinhos em pé, e ás oito horas e um quarto, mais minuto menos minuto, achei-me repimpado em uma das cadeiras do Gymnasio, que, a fallar a verdade, são as melhores que se encontram nos theatros da corte.

Apenas entro, sou comprimentado por inumeras pessoas do illustre auditorio (grande causa é ter popularidade).

Representava-se — *A filha do lacrador*, — bello drama, — o Gymnasio desceu de sua dignidade; esse drama que tinha sido tão bem representado em outro tempo, hontem escorregou um degrão em lugar de subir deus. Um menino que, accostumado à *Româ encantada* e a outras patoadas que já aborrecem, foi-se meter em apuros, e querer entrar na escola moderna, para o que ainda é cedo, e precisa um anno de estudo atrá dos bastidores.

A sympathica actriz D. Adelaide foi entusiasticamente applaudida (como merecia, não lhe fizeram obsequio algum) vio-se em um desses instantes cheios de glória para o setor, agradecendo ao público, tendo a seus pés prostados inumeros bouquets, que demonstram quanto a estimamos; então, senti não levar também o meu.

No domingo ultimo, teve lugar em S. Pedro, a grande representação — *Uma promessa ao Senhor Bom Jesus do Monte* — tive medo de lá entrar; pouco mais ou menos já faço idéa do que era, porém, prometto o mais breve possível, dar-lhes noticia de tão grande causa, segundo dizem.

O grande Arthur Napeleão deu o seu ultimo concerto, em beneficio; em cada um dos quatro pianos, duas mãs tocavam uma só peça em cada um delles, ouvi tanta causa, tanta barulhada, que vim para casa ainda mais rabugento do que estava, na verdade despediu-se bem — adeus até a volta, *au revoir*.

F. B.

CHARADAS.

1.*

O defunto tem. 1
Se um — e — injuntares, 2
O defunto não tem. . . . 2

CONCEITO.

O defunto tem.

J. C. E.

2.*

Se — lo — me juntares
Um nome me tem. . . . 1
Em dias de festas
E no ovo tambem. . . . 2

CONCEITO.

Pertence ao reino animal,
Que n'um elemento mora ;
E do reino vegetal,
Só tambem: — dícifre agora.

ANAGRAMMA.

E queres tu a testa?